

MULHERIO

Por que Mulherio?

Mulherio. Quase sempre, a palavra é empregada com sentido pejorativo, associada a histérico, gritaria, chatice, fofocagem ou, então, "gostosura". Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete "mulher" já é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: "1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2. esposa". Em seguida à definição, vêm as composições usualmente feitas com a palavra: "à toa", "da comédia", "da rua", "da vida", "da zona", "da rótula", "do fado", "errada", "perdida", etc. — todas sinônimo de meretriz. As três exceções: "mulher de César" (de re-

putação inatacável), "mulher do piolho" (muito teimosa) e a cinematográfica "mulher fatal".

Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com o verbete "homem": "de ação", "de bem", "de Estado", "de letras", "de negócios", etc.

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que "as mulheres" ou "uma grande porção de mulheres". É o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o *Mulherio* e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sizuda ou dogmática.

Nossa pauta

O que você está recebendo hoje é o número zero do jornal — mais uma carta intencões, um *lay-out* do que pretendemos fazer. *Mulherio*, com 16 páginas, terá sempre um artigo de fundo, de análise, abordando um tema polêmico, como o que Maria Carneiro da Cunha escreveu na página 3, sobre o significado do 8 de março. Várias reportagens e notas curtas abordarão a mulher no Brasil e no mundo. Uma seção será dedicada a pesquisas, teses e outros estudos sobre a mulher. Outra procurará abrir espaço aos diversos grupos feministas e femininos para que divulguem suas atividades. Na área de cultura,

acompanharemos com resenhas e críticas o lançamento de livros, filmes, programas de televisão e peças de teatro. E sempre traremos charges — como esta que Ciça enviou para o número zero — e muitas fotos.

A pauta do jornal e seus rumos são definidos pelo nosso Conselho Editorial, composto por 16 mulheres que têm batido pela melhoria da condição feminina no Brasil, como profissionais e como militantes (*ver a relação no expediente*).

Em sua primeira reunião, realizada aqui na Fundação Carlos Chagas no dia 4 de fevereiro, o Conselho deci-

Os objetivos do jornal

A idéia de criação de um jornal sobre mulher surgiu já há alguns anos entre as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas que se dedicam ao estudo da condição feminina no Brasil. Inicialmente, imaginava-se apenas um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e pesquisadores voltados ao tema, visando a suprir uma deficiência básica: por falta de informações, quem trabalhava em São Paulo não sabia o que se fazia no Rio, por exemplo.

Aos poucos, percebeu-se que um boletim deste tipo seria útil também para os diversos núcleos organizados de mulheres, que em pouco

tempo multiplicaram-se em todo o País. E que sentem falta não só de um canal onde possam trocar suas experiências, mas também onde encontrem resultados de pesquisas sólidas, capazes de orientar suas atividades práticas. Mais: constatou-se que também os meios de comunicação veriam com interesse um boletim deste tipo. Nos últimos anos, a imprensa brasileira está descobrindo o assunto "mulher", antes relegado às páginas de culinária e dicas de beleza. No entanto, as informações da imprensa sobre mulher ainda são, em geral, superficiais, esparsas e contraditórias. Falta justamente um veículo que se dedique de forma sistemática, aprofundada e abrangente a todos os problemas que afetam a mulher brasileira, e que, pela reunião periódica de informações obtidas de fontes fidedignas, possa servir de orientação e manancial informativo para os que focalizam tais assuntos nos meios de comunicação.

Já mais amadurecida e debatida, a idéia de criação de um jornal dirigido a esses três públicos — os órgãos de comunicação, os grupos de mulheres e as entidades culturais e acadêmicas — torna-se agora realidade, ao ser integrada ao conjunto de projetos sobre a condição feminina que a Fundação Carlos Chagas realiza com o apoio da Fundação Ford. Isso garante a saída regular de *Mulherio* por um período inicial de um ano e meio.

Adélia Borges

Domésticas: as máquinas que servem o lar

"Domésticas de salário sempre baixo

Nossos direitos na mão do patrão

Horário certo de entrada e saída
Só se resolve com a nossa organização"

Este foi um dos muitos versos cantados por cerca de uma centena de empregadas domésticas reunidas em seu IV Congresso Nacional, em Porto Alegre, no mês de janeiro. Representando associações de oito Estados, elas discutiram durante cinco dias os problemas que afligem a categoria, e chegaram ao final com uma ampla pauta de reivindicações: jornada de oito horas de trabalho, salário mínimo profissional, 13º salário, aviso prévio, FGTS, salário família, prevenção de acidentes de trabalho e férias de 30 dias.

Um dos temas mais debatidos foi a situação da menor empregada. Um levantamento feito pela Associação das Empregadas do Rio cons-

tatou que — embora a Organização Internacional do Trabalho (OIT) proíba o trabalho antes dos 14 anos de idade, e a nossa Constituição, antes de 12 anos — ainda é grande o número de meninas com até 7 ou 8 anos que chegam às cidades grandes para se empregar em "casas de família".

O relatório descreve o que acontece com essas meninas: "Afastadas do seu meio natural e familiar, sem possibilidades de estudar como esperavam, são mais expostas que os adultos aos riscos da grande cidade: o desrespeito que sofrem nas famílias onde trabalham, com agressão moral e até física, a humilhação e a desconsideração da profissão; o choque das grandes desigualdades, ao verem a riqueza e o luxo das casas onde trabalham, os conflitos de valores morais e religiosos; a violência, o desespero, a prostituição".

Depois de lembrar que algumas menores emprega-

das nada recebem, porque são chamadas "crias da casa", e que a grande maioria não tem carteira profissional, o relatório conclui: "Na situação em que vivem, trabalhando sem proteção, obrigadas a dar muito de si e pouco recebendo, elas chegam a três atitudes na vida: o conformismo (acham que "é assim mesmo", vão levando, sem dar conta da injustiça em que vivem), a adesão ao sistema (querem melhorar de vida, o que é um direito, mas adotam os mesmos costumes e mentalidades burguesa) ou a revolta contra tudo, o desespero, quando não chegam ao desequilíbrio mental".

Para resolver estes e outros problemas, as empregadas domésticas decidiram aperfeiçoar sua própria organização. Marcaram novo encontro nacional para 1985, em Recife, e, até lá, promoverão todos os anos encontros regionais.

(Sônia Pilla, de Porto Alegre)

Boca Livre

Em setembro do ano passado, quando os grupos feministas de todo o País denunciavam a onda de violência que atingia as mulheres brasileiras, nós, do Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís, promovemos um debate público sobre a questão, com cerca de 300 mulheres. (...) Nossa reflexão nos mostrou que estamos confrontadas com a violência tanto no espaço público (na discriminação salarial, na utilização de nossos corpos como produto de consumo, etc.), como no espaço privado (na divisão sexual das tarefas domésticas, na nossa responsabilização pela maternidade e contracepção, nas agressões a que estamos expostas, etc.). Numa pequena pesquisa que fizemos em duas delegacias da cidade, contamos nos meses de setembro a novembro passado três assassinatos de mulheres, 30 tentativas de homicídio, 56 espancamentos e um estupro pelo pai. Deste modo, para nós, feministas, a denúncia e o combate efetivo deste estado de coisas é de urgência inadiável. Por isto, estamos aqui, estamos aí, ou, simplesmente, estamos presentes.

Lucila Scavone, Grupo de Mulheres da Ilha de São Luís, São Luís, MA

P.S. — Escreva você também para *Mulherio*. Um aviso: em alguns casos, será necessário reduzir as cartas, em razão do pequeno espaço do jornal.

Março: 8 e 21

Interessante que março está pontuado por duas datas importantíssimas, relacionadas a duas grandes "minorias". A primeira só tem a ver conosco. Afinal, estamos aí, realizando congressos, seminários, palestras fazendo lembrar a todo mundo que 8 de março é o Dia Internacional da Mulher.

Quanto ao 21, um grande silêncio o caracteriza. A exceção de alguns setores da comunidade negra e de órgãos representativos da ONU, pouquíssimas instituições ou movimentos sabem do Dia Internacional contra a Discriminação Racial. E, no entanto, em termos de Brasil, está provado que a discriminação e as desigualdades raciais são muito mais marcantes e marcadas do que aquelas relativas à mulher. Daí nossa solidariedade ao movimento negro brasileiro e a essa figura tão importante na história brasileira, objeto de uma triplíce discriminação (social, racial e sexual): a mulher negra.

(Lélia Gonzales, do Rio)

Pesquisa

Quem tem pesquisas ou trabalhos na área da mulher pode inscrever-se para o Congresso Internacional e Interdisciplinar sobre Mulher, que será realizado em Haifa, Israel, entre 28 de dezembro e 1º de janeiro de 1982. O tema central do congresso é "Mundos da mulher: uma nova disciplina". Se você deseja apresentar trabalhos escritos, deve enviá-los para os organizadores do encontro até 1º de abril. Eis o endereço: The Secretariat — International Interdisciplinary Congress of Women — 122 Hayarkon St. — P.O. Box 3054 — Tel Aviv, Israel.

Publicações que interessam

A mulher é, cada vez mais, tema de livros. No ano passado, foram lançados no Brasil 18 títulos, relacionados por "Leia Livros" (edição de fevereiro) sob a rubrica de "feminismo". Este ano, só em janeiro e fevereiro, foram editadas quatro novas publicações: "os tempos dramáticos da mulher brasileira", de Ireda Cardoso, pelo Centro Editorial Latino Americano; "Cícera: um destino de mulher", de Cícera Fernandes e Danda Prado, pela Brasiliense; "Espelho de Vênus", do Grupo Ceres, pela Brasiliense; e "Encontros com a Civilização Brasileira", nº 26 especial: mulher hoje", de vários autores, pela Civilização Brasileira. Foram reeditados, ainda, o "Caderno da Associação das Mulheres — Especial: Mulher profissão secretária" e o clássico "O segundo sexo", de Simone de Beauvoir.

Em março e abril, novos títulos devem ser lançados: "A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937", de June Hahner, pela Brasiliense; "Mulheres e trabalhadores: presença feminina na construção do Sistema fabril", de Maria Valéria Junho Pena, pela Paz e Terra; "Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa", de Suzana Pravaz, pela Paz e Terra; e "Os papéis sexuais", de John Money e Patricia Tucker, pela Brasiliense.

Entre os livros editados no ano passado, "Educar para a Submissão", de Elena Belotti, lançado pela Vozes, é um dos que tem alcançado maior receptividade entre a crítica especializada de jornais e revistas.

Material bom sobre gravidez

É sempre bom ver como é possível tratar de assuntos ligados à mulher — como a gravidez e a maternidade — de maneira ao mesmo tempo profunda e bonita. Uma série de 130 audiovisuais sobre esses assuntos, preparada por uma equipe da Casa da Mulher do Nordeste, comove pela beleza e força das imagens, em que a relação da gravidez com a pobreza, ausência de recursos básicos, repressão sexual, assim como os medos e as fantasias das mulheres são apresentados com realismo e emoção. Em São Paulo, a Fundação Carlos Chagas já adquiriu uma cópia desse material. Grupos e instituições interessados na aquisição de cópias devem procurar Ângela Teixeira de Freitas, Av. 10 de Novembro, 185, Varadouro, Olinde, CEP 53000, ou Helena Pessoa, na Casa da Mulher do Nordeste. (Maria Moraes)

Saúde em debate

Será realizado em Genebra, Suíça, de 6 a 8 de junho deste ano, o Terceiro Encontro Internacional "Mulheres e Saúde", promovido pelo Serviço Internacional de Informação e de Comunicação das Mulheres (ISIS) e pelo Dispensário de Mulheres de Genebra (Centro de Saúde para as Mulheres pelas Mulheres).

Numa circular enviada a algumas instituições brasileiras, as organizadoras do encontro convidam todas as mulheres interessadas no tema a participarem. O temário é amplo: vai desde "as mulheres e o sistema médico" até "a sexualidade", "as medicinas naturais" e "os aspectos políticos da contracepção e do aborto". Para maiores informações, escreva em espanhol para ISIS — SWITZERLAND — P.O. Box 301 — 1227 Carouge/Geneve — Tel: 022/43 40 22.

MULHERIO

Conselho Editorial

Carmen Barroso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Lobo, Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Heleietch Saffioti, Lélia Gonzales, Maria Carneiro da Cunha, Maria Moraes, Maria Malta Campos, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Maria Correia e Ruth Cardoso.

Redação

Adélia Borges e Fúlvia Rosemberg (editores), Deryly Barroso (projeto gráfico).

Jornalista responsável

Adélia Borges — Registro no MTB nº 10.680 — SJESP 4549

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. As matérias assinadas não expres-

sam necessariamente a opinião do Conselho Editorial e das editoras. É livre a transcrição de suas matérias em quaisquer órgãos de imprensa, mas pede-se que seja citada a fonte e, sempre que possível, nos seja enviada uma cópia da reprodução. Redação: Fundação Carlos Chagas. Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511. Composição e impressão: S/A O Estado de S. Paulo, Av. Eng. Caetano Álvares, 55, São Paulo.

Mulherio é distribuído gratuitamente aos órgãos de imprensa, instituições acadêmicas e grupos organizados de mulheres de todo o País, e vendido nas livrarias a Cr\$ 50,00 o exemplar. A assinatura anual custa Cr\$ 300,00 e deve ser solicitada à Redação (endereços acima), por carta, por telefone ou pessoalmente.

8 de março: passado e presente de lutas

Um histórico do Dia Internacional da Mulher mostra a necessidade de reflexão sobre os rumos do movimento feminista brasileiro

O Dia Internacional da Mulher, 8 de março, surgiu como um símbolo da luta das mulheres pela igualdade e por melhores condições de vida. Instituído em 1910, por sugestão da socialista alemã Clara Zetkin, num Congresso Internacional de Mulheres realizado em Copenhague, ele relembra o sacrifício de 129 operárias têxteis de Nova York, que entraram em greve em 1857 para reivindicar a redução da jornada de trabalho de 16 para 10 horas e morreram num incêndio provocado pela polícia.

As últimas décadas do século passado e as primeiras deste século foram muito importantes para o avanço da condição feminina, pois suas contradições se acentuam com a expansão do capitalismo. Um número crescente de mulheres passou a ser absorvido pelo mercado de trabalho, o que contribuiu para piorar suas condições de vida, mas, por outro lado, retirou-as da esfera restrita de seus lares.

Surge, em consequência, um amplo movimento reivindicatório feminino, centrado na conquista de direitos políticos fundamentais como o direito ao voto. O movimento esmorece a partir dos anos 30, quando esses direitos são formalmente admitidos em diversos países europeus e americanos. Essa movimentação também se refletiu no Brasil, com os movimentos sufragistas do século passado e a atuação da Federação Brasileira pelo Progresso da Mulher, fundada em 1922 por iniciativa de Bertha Lutz.

O RENASCIMENTO

Coincidindo com o refluxo da atuação feminista em todo o mundo, o dia 8 de março permaneceu num relativo esquecimento, voltando a adquirir importância com o novo ímpeto do movimento de mulheres, a partir do final da década de 60. No Brasil, foi em 1975 — Ano Internacional da Mulher instituído pela ONU — que começaram a ressurgir os movimentos organizados de mulheres, com características nitidamente feministas. Em pouco tempo, organizaram-se vários

grupos, principalmente em São Paulo (Nós Mulheres, do qual depois se separou a Associação de Mulheres, Centro da Mulher Brasileira, Sociedade Brasil Mulher) e no Rio (Centro da Mulher Brasileira, Sociedade Brasil Mulher e Coletivo de Mulheres).

Paralelamente à atividade organizativa e militante, para muitas profissionais ligadas aos setores de pesquisa universitária e acadêmica, sua própria condição de mulher passou a constituir uma preocupação e um objeto de investigação científica.

Ao mesmo tempo, registrava-se a expansão do movimento de mulheres em direção aos setores populares, com o fortalecimento e a ampliação dos clubes de mães, associações de donas-de-casa e dos movimentos de luta por creches. Isso se tornou possível pela ampla atuação das mulheres na resistência política contra as leis de exceção e práticas antidemocráticas que marcaram o País no início da década.

A VEZ DA PERIFERIA

Com a relativa liberalização política dos últimos três anos, fruto em grande parte das pressões da sociedade civil como um todo e em especial dos movimentos populares, surgiram as condições para uma ampliação ainda maior do movimento de mulheres.

Em 1979, como consequência de toda uma fase de fermentação, mas também como catalisador, realizou-se em São Paulo o 1º Congresso da Mulher Paulista, por iniciativa de dez entidades femininas e feministas. Ele conseguiu reunir mais de 500 pessoas no Teatro Ruth Escobar, com o comparecimento majoritário das mulheres da periferia. Pela primeira vez, elas puderam expor diretamente seus problemas e suas reivindicações do dia-a-dia, sem ter que passar pelos canais institucionalizados dos partidos e sindicatos. Foram discutidos todos os problemas que interessam à mulher, qualquer que seja sua classe, mas uma ênfase especial foi dada à situação da

mulher trabalhadora, o que se refletiu na principal bandeira do 1º Congresso: a luta por creches. Ainda em 1979, também no Rio, se comemorou o 8 de Março.

Em 1980, uma ampliação ainda maior: além de São Paulo e Rio, houve encontros no dia 8 de março em Porto Alegre e Belo Horizonte. Mas foi em São Paulo a maior manifestação. Durante três dias, mais de quatro mil mulheres reuniram-se para discutir seus problemas no 2º Congresso da Mulher Paulista. Participaram 52 entidades, embora nem todas fossem representativas. Esse grande crescimento trouxe novos problemas de ordem política, não só porque um movimento de mulheres não existe de forma estanque em relação ao resto da sociedade — já que é essa mesma sociedade que se pretende modificar — mas também por causa do delicado momento político em que vive o País, depois de quase duas décadas de um fechado regime autoritário.

AS REAÇÕES

A capacidade de mobilização do nascente movimento de mulheres não passou despercebida às diversas correntes políticas já existentes na cena brasileira, e cada uma reagiu a seu modo. A direita, colocada de fora, recorreu aos tradicionais métodos de

recuperação ou de diluição, velhos de cem anos, mas ainda solidamente enraizados nas mentalidades. Na esquerda, há posições contraditórias: enquanto algumas forças respeitam a autonomia do movimento de mulheres, outras negam a necessidade dessa autonomia, em nome de uma "luta geral" que consideram mais importante e prioritária.

Como resultado desta última posição, o 2º Congresso da Mulher Paulista teve seus trabalhos bastante tumultuados, manifestando um conflito até então latente. Este ano, está sendo preparado um novo Congresso da Mulher Paulista, e manifestações semelhantes ocorrerão em todo o Brasil, como fruto da expansão dos movimentos em quase todos os Estados. Mas é para o Congresso de São Paulo que estão concentradas as atenções, porque os conflitos políticos registrados em 80 voltam a se repetir este ano, antes mesmo de sua realização.

A discussão política das diferentes concepções políticas torna-se, portanto, inadiável, pois a situação das mulheres contém em si mesma uma contradição que deve ser explicitada a nível teórico: elas pertencem a um amplo grupo de dominados, enquanto mulheres, mas se distribuem de forma desigual pelas diferentes classes. O problema das relações entre luta de classes e luta de mulheres não é novo e já se apresentou em outros momentos históricos, mas esta reflexão deve ser agora retomada dentro do atual momento político brasileiro.

Apesar dos conflitos e das reações que vem suscitando, o movimento de mulheres é ainda um fenômeno muito recente no Brasil, e tudo indica que está em franca expansão. Apostamos no seu fortalecimento, mas ele supõe um esforço organizativo mais amplo e aprofundado, que não se concentre tanto numa única manifestação de massa num dia por ano. A luta da mulher é a luta mais longa, mas é também de todos os dias.

Maria Carneiro da Cunha



Juca Martins/Agência E

Abracadabra!

Carmen da Silva

Meu nome é Carmen da Silva, mas podem me chamar de Nossa Senhora dos Milagres. Não que eu os faça ou que acredite neles. Aliás, depois do "milagre brasileiro", tenho até raiva. Mas há muita gente que acredita, precisa de milagres, e, num aperto, vem reclamar de mim artes de milagreira.

Refiro-me a um bom número de mulheres que espera maravilhas de meu abraçadabra. "Aguardo com ansiedade uma palavra sua que mudará minha vida", elas me escrevem. "Só a senhora pode me tirar desse drama", "Um conselho seu poderá resolver minha situação". "Por favor, ajude-me, a senhora é minha última esperança". São frases textuais de cartas que recebo através da revista *Cláudia*, onde mantenho há 18 anos uma coluna de orientação psicossocial, com as óbvias limitações de um serviço dessa natureza.

Mas, limites, barreiras, restrições e impossibilidades são coisas que o mulherio já teve até demais. Na medida em que me consideram aliada, esperam de mim algo mais, diferente, melhor: o conselho-panacéia, o remédio mágico, o golpe da varinha de condão que faz o ruim virar bom.

ISSO E AQUILO

Essa correspondência tem características interessantes. Muitas leitoras, por exemplo, não confiam na palavra escrita e desejam o contato direto, a aproximação pessoal: "Um encontro com a senhora seria a minha salvação". "Tenho certeza de que se pudesse falar uma ou duas horas com a senhora, meus problemas se resolveriam". Quase como se abrigasse a esperança de receber passes, fluidos, exorcismos, imposições das mãos.

Outras, pelo contrário, acham que *minhas* palavras escritas seriam muito mais eficazes que *seus* próprios argumentos, no sentido de convencer — e converter — um marido indiferente, infiel, irresponsável, grosseiro ou tirânico, país desamorado ou severos demais, filhos

ingratos, filhas desobedientes, sogras intrometidas, rivais favorecidas, namorados caprichosos. São as que encomendam sermão: "Se a senhora escrevesse um artigo dizendo que isso-e-aquilo...", um recado claro, inequívoco e de forte impacto emocional, capaz de sensibilizar o destinatário e induzi-lo a mudar de comportamento. Eu seria o porta-voz de quem não se atreve a falar, a interposta pessoa que possibilita um diálogo impossível, enfim, a encarregada de amansar a fera.

E há casos, por desgraça bastante numerosos, de mulheres, que, aos poucos e imperceptivelmente, acabaram por cair numa armadilha tão compacta e intrincada que só mesmo um milagre as poderia resgatar. Por exemplo, mulheres já de certa idade, sem recursos econômicos e culturais, dependendo totalmente do companheiro para a subsistência própria e dos filhos, e suportando brutalidade, maus-tratos, humilhações, o exercício despótico do poder econômico e da autoridade marital. É uma situação freqüente, sobretudo em nosso meio rural; muito fazendeiro só não marca a mulher com ferro em brasa porque não faz falta: ao contrário do gado, ela sabe a quem pertence e se mantém dócil dentro do cercado. Até o dia em que não agüenta mais e quer cair fora. E quando me escreve pedindo que eu lhe aponte um caminho, sinto-me eu também num beco sem saída: se não quero exortar à resignação (e não quero mesmo), qual é a alter-

nativa? Acenar com a possibilidade do milagre? São momentos amargos em que me surpreendo lamentando meu próprio ceticismo: crer seria bem mais cômodo.

FÉ E IMPOTÊNCIA

Pois justamente a fé no milagre, a esperança no sobrenatural, o recurso às soluções mágicas são típicos da impotência: quem pode faz, quem não pode reza suplicando que Alguém faça — seja qual for o nome dado a esse portentoso e quase sempre cego e surdo Alguém. E mulher, em nossa sociedade, tem muito que rezar, pois ela é a própria personificação da impotência: o último grau da escala, o cachorro do batalhão que aguenta o desabafo agressivo até do mais mísero e mais oprimido dos homens. A Lei, feita por eles, consagra seus privilégios de detentores do poder; pelas malhas da justiça não passa um feto abortado mas passam os Docca Street, os Michel Frank, os grande contraventores, os estelionatários elegantes.

Os homens (da classe dominante, naturalmente) têm nas mãos todos os fios que tecem a sujeição feminina: a economia que nos discrimina no mercado de trabalho e nos salários; a estatística que determina se e quando devemos trabalhar fora ou ficar em casa, parir ou evitar filhos; a ciência que define nossa "natureza" nos termos mais convenientes aos interesses deles: mulher é dócil, passiva, generosa, abnegada, só se realiza através da dedicação aos outros, tem a mais estreita afinidade fisiológica com a vassoura, o tanque, as

panelas, o esfregão. Fora desse modelo, ela não é feminina e pagará por tal "deficiência" um alto preço social e privado. Até da maternidade eles se apropriam: ficam com o pátrio poder e deixam para nós os cuidados cotidianos, a responsabilidade, as preocupações, a presença que obriga ao confinamento no lar. Donos também dos meios de comunicação e dos veículos de persuasão coletiva, eles criam e difundem a lavagem cerebral ideológica que justifica e até embeleza tudo isso. E se alguma mulher mostrar veleidades de rebeldia, enfiam-lhe um bebezinho nos braços e fim de papo. É de surpreender que elas clamem por milagres?

Mas a estas alturas, muitas mulheres já estão fazendo como Moisés com a montanha: se o milagre não lhes cai do céu, elas mesmas vão fabricá-lo. Nesse sentido, acho muito auspicioso que elas estejam rompendo a barreira de incomunicação que fazia de cada problema um caso único, que já não procurem calar "pra manter a imagem" (a própria, a do parceiro, a das instituições), que não mais se sintam obrigadas a tolerar. Ainda que, por vezes, o tom seja um pouco infantil, quando uma mulher pergunta — a mim, a sua amiga, a qualquer outra mulher — "que é que eu faço", está reconhecendo a possibilidade mesmo árdua e remota, de fazer algo. Na comunicação solidária entre mulheres e no assumir o próprio destino como um "fazer", reside o milagre: o milagre possível, o milagre *nosso*.

Ciça

